

2

Memória, patologia e terapia: em torno de Paul Ricouer e Freud

Ernani Chaves

À memória de Uta Beiküfner.

Ainda na introdução ao seu livro dedicado às indagações sobre o século XX, Tzvetan Todorov assinala que, para ele, o “acontecimento central” do século que passou,

é o aparecimento de um mal novo, de um regime político inédito, o *totalitarismo*, que, em seu apogeu dominou boa parte do mundo [...] e cujas seqüelas continuam presentes entre nós (TODOROV, 2002, p. 10, grifo nosso).

Todorov não hesita em afirmar, em seguida, que a Europa não apenas conheceu, simultaneamente, dois tipos de totalitarismo, o comunismo e o fascismo, mas que ambos, além de uma invenção nova, constituem também um mal extremo. Essa experiência, entretanto, cujo ápice, como sabemos, é o campo de concentração, só pode ainda sobreviver entre nós, “graças à memória”. Com esta afirmação, Todorov abre um leque de questões que ele próprio já havia exposto em outro texto, de 1995, cujo título, por si só, era bastante provocativo: *Les abus de la mémoire*. Tratava-se, lá como aqui, ou seja, tanto em 1995 quanto em 2002, DE prosseguir a propósito da memória, isto é, das relações com o passado, o mesmo campo de questões e problemas que a dupla nomeação da memória entre os gregos iniciara: a memória como *mneme*, a “simples presença da lembrança” (RICOUER, 2000, p. 53) ou ainda a lembrança surpreendente, involuntária,

súbita, espontânea, que nos surpreende com frequência ou que nos assusta e nos aterroriza, e a memória como *anamnésis*, como “evocação” e “recolecção” (RICOUER, 2000, p. 53) ou ainda como o esforço intelectual, racional, que por obra do *logos*, nos incita a pesquisar, a descobrir o passado. Problema, portanto, das relações entre memória e imaginação ou ainda acerca do estatuto dessas imagens que fazemos do passado, o decisivo problema do *eikon*, ou seja, da “representação presente de uma coisa ausente” (RICOUER, 2000, p. 8).

Ora, as questões que Todorov levanta – “será a memória sempre e necessariamente, uma boa coisa, e o esquecimento, uma maldição absoluta? O passado permite compreender melhor o presente, ou, na maioria das vezes, serve para ocultá-lo?” (TODOROV, 2002, p. 12) – são questões que atravessam o pensamento contemporâneo com a intensidade e a radicalidade com as quais Nietzsche as levantou, em 1872, na sua *Segunda consideração extemporânea*, intitulada “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”. As considerações nietzschianas acerca dos usos e, principalmente, dos abusos da memória no interior de sua crítica ao historicismo foram retomadas, prolongadas e ampliadas, posteriormente, em especial por Walter Benjamin e Theodor Adorno. Uma retomada, um prolongamento e uma ampliação que se deveram, sobremaneira, ao pensamento de Freud¹. Para além dos diferentes argumentos e das diferentes vias interpretativas que esses autores tenham tomado, o problema continua o mesmo, qual seja, o de enfrentar a questão das “patologias” ocasionadas pelos usos e abusos da memória. Vivemos numa época, diz Nietzsche, a do “historicismo”, na qual todos são “acometidos por uma febre histórica” (NIETZSCHE, 1988, p. 246; 2003, p. 6). Esta mesma imagem, “como um doente, ardendo em febre”, é retomada por Benjamin no “Prefácio epistemocrítico” ao *Origem do drama barroco alemão* (BENJAMIN, 1991a, p. 234; 1984, p. 76), para caracterizar a relação equivocada do “espírito do nosso tempo” com o passado.

Ambos também se referem, em diferentes momentos de

sua obra, a estratégias de cura, a proposições terapêuticas. Em Nietzsche, são inúmeras e recorrentes as imagens de remédios, venenos, narcóticos e, até mesmo, a presença de reflexão sobre a *Heilkunst*, a “arte de curar”, uma espécie de antídoto não contra a existência do sofrimento, mas contra o lugar e o papel que ele assumiu em nossa cultura (CHAVES, 2007). Benjamin, por sua vez, na última versão da *Infância berlinense por volta de 1900*, se refere à imagem da “vacina”, desse procedimento experimentado tantas vezes como “curativo”, com o intuito de impedir que a saudade, a nostalgia de sua infância, de sua cidade natal, o fizesseM recair, pura e simplesmente, na narrativa da continuidade dos “traços biográficos” (BENJAMIN, 1991b, p. 384; DAMIÃO, 2006), na temporalidade “homogênea e vazia”, como ele dirá logo depois nas famosas “Teses” sobre o conceito de História, para criticar, entre outros, o historicismo. Do mesmo modo, em alguns momentos de sua obra, Benjamin também se refere a estratégias de cura, diretamente relacionadas à dinâmica entre o lembrar e o esquecer (GAGNEBIN, 2008a).

Se esse desvio inicial antes de chegar a Paul Ricouer me parece necessário, é porque ele enfatiza a presença de um problema, de um tema, de uma questão que será retomada por ele no seu livro publicado em 2000, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Não por acaso, o livro de Ricouer também é explicitamente escrito nas sendas da *Segunda extemporânea*, que, aliás, abre o capítulo que nos interesse olhar mais de perto, ou seja, quando, a propósito dos “abusos da memória natural”, ele indaga acerca da “memória impedida”, a qual, por sua vez, constitui o “nível patológico-terapêutico” da questão. Referindo-se ao livro de Nietzsche, escreve Ricouer: “A maneira de interrogar inaugurada por este texto une, numa semiologia complexa, o tratamento médico de sintomas e o tratamento filológico dos desvios” (RICOUER, 2000, p. 82/83). Entretanto, podemos pensar, a partir de Ricouer, que, se o texto de Nietzsche inaugura uma determinada problemática,

essa atingirá, com a psicanálise freudiana, um ponto de inflexão indubitável, de tal modo que qualquer reflexão a propósito dos usos e abusos da memória não pode se desviar da confrontação com Freud. Uma confrontação que não escapou a Benjamin e que, para o próprio Freud, não se fez inteiramente ao largo de Nietzsche. O objetivo, então, deste texto pode ser melhor esclarecido e poderia ser resumido a uma pergunta: qual a especificidade da intervenção de Ricoeur neste debate? Qual a sua contribuição, de tal maneira que não podemos também nos desviar de sua interpretação? Estas duas questões nos parecem importantes, porque num plano mais geral, as críticas, na França, à obra de Ricoeur se devem, em grande parte, ao epíteto de “filósofo cristão” que pesa sobre ele (GAGNEBIN, 2008b) num plano mais específico, entretanto, quando tomamos sua interpretação da psicanálise desde, pelo menos, a publicação, em 1965, do livro *Da interpretação. Ensaio sobre Freud*, a sua reserva, legítima ou não, em relação a Lacan (DI MATTEO, [2001?]), contribuiu, pelo menos no Brasil, para que sua obra permanecesse numa espécie de limbo, não merecendo a atenção que lhe é devida.

A primeira coisa que chama atenção do leitor familiarizado com a psicanálise é o fato de que Ricoeur utiliza dois textos que, em geral, não são considerados pelos intérpretes como textos onde Freud reflita sobre a cultura. Trata-se de *Lembrar, repetir, elaborar*, de 1914, e *Luto e melancolia*, de 1917. Mas, a estratégia de Ricoeur, a de mostrar em que medida a análise individual pode ser transposta para o plano coletivo, ganha, com sua leitura desses textos, a dimensão que lhe é devida. Em outras palavras, ao tomar dois textos – Ricoeur se refere a eles repetidas vezes como “ensaios” – profundamente enraizados na experiência clínica de Freud (daí, neste texto, a importância conferida à “transferência”), Ricoeur procura realizar a passagem da clínica ao social e, com isso, desmentir um dos clichês com o qual os críticos de ontem e de hoje procuram diminuir a psicanálise: a de que o

interesse de Freud se dirige, preferencialmente, ao individual, e muito pouco ao coletivo.

Em relação ao primeiro texto, Ricouer destaca a questão do “trabalho”, ou melhor, como ele diz, a do “trabalhar”, e de um trabalhar conjunto, no qual o analisante tem um papel fundamental. De fato, Freud inicia o seu texto recapitulando os momentos mais importantes de seu trabalho, para mostrar a passagem da hipnose à associação livre e, já no interior da associação livre, isto é, do discurso psicanalítico propriamente dito, uma mudança essencial no tocante à interpretação: passagem do “trabalho de interpretação” (*Deutungsarbeit*) e da “comunicação” (*Mitteilung*) de seus resultados ao paciente, a uma “arte da interpretação” (*Deutungskunst*), que pressupõe “uma nova divisão de trabalho”, na qual o paciente possui um papel preponderantemente ativo (FREUD, 1992a). Nesta perspectiva, acrescenta Ricouer, é possível pensar que existe também um trabalho próprio ao analisante, o “trabalho de rememoração” (*Erinnerungsarbeit*)².

Esse trabalho, por sua vez, se opõe, ponto a ponto, à compulsão de repetição, ou seja, ao fato de que, muitas vezes, o analisante “não lembra, de forma alguma, do que foi esquecido e recalado, mas *age*. Ele nada reproduz como lembrança, mas como ato, ele *repete*, sem, naturalmente, saber que *repete*” (FREUD, 1992a, p. 89). Em lugar da lembrança, o agir, a passagem ao ato. Ora, o que não conseguimos lembrar, mas que também não conseguimos esquecer (dinâmica entre esquecer e lembrar que se passa, é óbvio, de forma inconsciente) é justamente aquilo que, pelo que representa de perigo à instância do Eu, precisou ser recalado. Assim, na situação analítica, o paciente que silencia ou que diz que “nada associa”, *repete*, sem o saber, diz Freud, uma “posição homossexual” recalada. Mas esta é, conclui Freud, “a sua forma de se lembrar” (FREUD, 1992a, p.90). A superação das resistências supõe, então, o trabalho conjunto entre o analista e o analisante, trabalho de “perlaboração”, *Durcharbeiten*, e que o próprio Ricouer diz preferir traduzir como *Remaniement*, isto é,

como algo da ordem do conserto, que supõe um novo arranjo, que implica em mudanças, correções, modificações e que poderíamos, provisoriamente, traduzir como “rearranjo” ou, ainda evocando o uso desta palavra no campo da tipografia, como “recomposição”. Uma “recomposição” que supõe, conclui Ricouer, um “trabalho de rememoração”. Não se trata, portanto, para Ricouer, de um “trabalho da lembrança”, tal como a palavra alemã *Erinnerungsarbeit* imediatamente evoca. Ao traduzir esta palavra alemã por “trabalho de rememoração”, Ricouer não apenas se aproxima de uma temática extremamente cara ao pensamento de Walter Benjamin, mas também sinaliza que considera o processo freudiano de *Durcharbeiten* como “trabalho de rememoração” e não mais apenas como “trabalho da lembrança”. Assim, o “precioso ensaio de Freud”, como diz Ricouer, também se refere à passagem da primazia da “lembrança” à da “rememoração”, passagem de uma certa passividade por parte do analisante (como no período pré-psicanalítico da hipnose ou ainda quando a interpretação significava pura e simplesmente uma “comunicação” do analista ao analisante) à plena atividade de um trabalho conjunto entre ambos, analista e analisante, na qual o passado não é apenas “lembrado”, mas “recomposto”, “rearranjado”, tendo em vista o presente. Não se trata mais de pretender restituir o passado “tal qual ele foi” (ideal da hipnose), mas de um duplo reconhecimento: primeiro, o de que o passado passou, isto é, só podemos evocá-lo a partir dos seus “traços mnêmicos”, dos rastros e vestígios e, segundo, que o trabalho de “recomposição” pressupõe, necessariamente, a atenção ao presente, ao que precisa ser modificado.

Já em *Luto e melancolia*, por meio do destaque à ideia de “trabalho” e “trabalhar”, Ricouer pôde encontrar uma analogia entre o “trabalho de rememoração” e o “trabalho de luto” (*Trauerarbeit*). O que torna o luto um fenômeno natural, embora doloroso? Por que, ao final desse processo, “o eu se encontra de novo livre e de-

sinibido”? (FREUD, 1992b, p. 185). É por esta via, diz Ricouer, que podemos aproximar os dois “trabalhos”, o da “memoração” e o do “luto”. Se, por um lado, o “trabalho de luto” pressupõe o reconhecimento de uma perda efetiva e real, por outro lado, ele também pressupõe o não apagamento da memória, das perdas e dos traumas, mas sim a sua “recomposição” na vida singular de cada um de nós. O luto implica portanto em rearranjar e recompor nossas lembranças, mesmo as mais dolorosas. Ao mesmo tempo, porém, Ricouer constrói uma segunda analogia, desta feita entre “compulsão de repetição” e “melancolia”, na medida em que ambas atuam como obstáculos ao “trabalho de memoração”. Os “lamentos” do melancólico, nos diz Freud em uma célebre passagem, são “acusações”: *“Ihre Klagen sind Anklagen”* (1992b, p. 178). Ou ainda: ao contrário do “enlutado”, o “melancólico” sucumbe à identificação com o objeto perdido e em vez de reinvestir a libido em outros objetos, a faz retornar ao seu próprio Eu. Assim, “a sombra do objeto recai sobre o Eu, de tal modo que ele pode ser julgado como um objeto, tal como o objeto perdido, por uma instância específica” (FREUD, 1992b, p. 179). Em outras palavras, as acusações do melancólico, acusações a ele mesmo em primeiro lugar, exigem um tribunal, uma instância judicativa, a do Super-Eu, representante da moralidade, juiz que aplica as penalidades, as quais, no caso da melancolia, afecção caracterizada por uma profunda ambivalência, pressupõe a mistura de amor e ódio, de reprovações, recriminações e elogios totalmente desprovidos de crítica. Nesta perspectiva, se o “trabalho da melancolia” (embora Freud jamais use a expressão, Ricouer a entende, segundo penso, de maneira acertada, também como um “trabalho”) ocupa uma posição estratégica neste ensaio, posição paralela à ocupada pela compulsão à repetição no ensaio de 1914; poder-se-ia então dizer que entre “trabalho da lembrança” e “trabalho de luto” existe uma imbricação que lhes é constitutiva: se podemos dizer que o “trabalho de luto” é

liberador porque implica na rememoração, o contrário também é verdadeiro: toda rememoração é rememoração de uma perda, toda rememoração é, por conseguinte, “trabalho de luto”. Deste modo, “o trabalho de luto é o preço do trabalho da lembrança, mas o trabalho da lembrança é o benefício do trabalho de luto” (RICOUER, 2000, p. 85).

O que pode justificar, pergunta finalmente Ricouer (2000), a transposição ao plano da memória coletiva e da história, as categorias patológicas propostas por Freud nestes dois ensaios? Ricouer responde a esta questão a partir de duas vias, a do próprio Freud e a sua, a que lhe é específica, qual seja, a do projeto de realizar uma “fenomenologia da memória ferida”. Do lado de Freud, a pergunta teria uma resposta bastante direta e simples: o interesse marcante de Freud pelas questões relativas à cultura. Segundo Renato Mezan (1985), por exemplo, um conceito freudiano não se constitui, jamais, às expensas de sua relação com a cultura. Assim sendo, poder-se-ia percorrer diversos textos de Freud nos quais tanto o “trabalho da lembrança” quanto o “trabalho de luto” ultrapassam a “cena psicanalítica”, dirigindo-se a um “outro” (*autre*) que é “psicossocial”, que se encontra numa determinada “situação histórica” e que, portanto, está bem além do “romance familiar” (RICOUER, 2000). Do ponto de vista de Ricouer, isto é, de uma fenomenologia da memória ferida, a justificativa reside na própria constituição “bipolar” da identidade, entendida ao mesmo tempo como pessoal e comunitária (RICOUER, 2000). Por isso, é possível falar, em termos analógicos, de “traumatismos coletivos, de feridas da memória coletiva”. A noção freudiana de “objeto perdido” pode, portanto, ser estendida às “perdas” coletivas, aquelas que afetam a própria substância do Estado (o poder, o território, as populações). As grandes celebrações funerárias, dedicadas, por exemplo, aos mortos em combate numa guerra, os cemitérios (a Europa é plena de cemitérios de soldados que tombaram nas batalhas da II Guerra

Mundial), os monumentos (em diversas cidades brasileiras, os monumentos aos “pracinhas”), atestam esse primeiro grande movimento de “trabalho de luto”, que congrega populações inteiras. Ricoeur chama essas manifestações coletivas de “condutas de luto”, exemplo privilegiado de cruzamento entre a expressão privada e a expressão pública do trabalho de rememoração.

Ricoeur, entretanto, vai ainda mais longe, pois considera que essa transposição de categorias patológicas para o plano histórico não se limita apenas às situações excepcionais, como as guerras ou as catástrofes naturais que atingem populações inteiras, mas também que atingem o nosso cotidiano, a partir da ideia de uma relação visceral entre história e violência. E aqui, mais uma vez, Ricoeur se aproxima de Nietzsche e Benjamin. De Nietzsche, pois se trata de criticar a concepção “monumental” de história, expressa na *Segunda Extemporânea*, ou seja, aquela que se funda no culto das grandes figuras do passado. De Benjamin, pois parte da diferenciação entre comemoração e rememoração. Mas também porque, em ambos, Nietzsche e Benjamin, monumentos da cultura e monumentos da barbárie se entrelaçam. O que comemoramos não deixa de ser o resultado de atos de violência e humilhação, de execração, nos quais há um “outro” violentado, humilhado e execrado. Desse modo, os arquivos da memória coletiva são plenos de feridas à espera de cicatrização. É porque a experiência histórica é necessariamente paradoxal, é porque aqui há memória “demais” e ali memória “de menos”, que as categorias freudianas de resistência, compulsão de repetição e a “prova do difícil trabalho de rememoração” podem ser aplicadas ao público e ao coletivo (RICOUER, 2000). O que Ricoeur insiste em apontar é a presença cotidiana, frequente, constante de uma “memória-repetição”, que resiste tenazmente a qualquer crítica e a qualquer forma de reconhecimento do “outro”. Há que opor-se a essa memória, num gesto, ao mesmo tempo, ético e político, uma “memória-lembrança”, uma memória “fundamentalmente

crítica". É justamente este "déficit de crítica" que caracteriza a "memória-repetição", que a torna um grande obstáculo ao trabalho de rememoração. Trabalho partilhado, dividido, entre analista e analisante, o *Durcharbeiten* se constitui assim como a assunção, tão privada quanto pública, de um "exercício de memória" que deveria estar no lugar do seu caráter exclusivamente "pático". Só assim talvez seja possível fazer do sofrimento mais atroz, da perda mais dolorosa, o exercício de uma memória "feliz".

Notas

- ¹ Em outras ocasiões, já tive a oportunidade de me referir às relações entre Adorno, Benjamin e Freud acerca da questão da memória. Para Adorno e Freud, ver Chaves, 2003. Para Benjamin e Freud, ver Chaves, 2008.
- ² Freud usa ora *Kranke*, o "doente", ora *Patient*, o "paciente", ora *Analysierte*, o "analisante".

Referências

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*, Band I-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991a.

_____. *Gesammelte Schriften*, Band VII-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991b.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES, Ernani. Nietzsche e os destinos da arte de curar. In: PEREZ, D. O. (Org.). *Filosofia da cura*. São Paulo: Escuta, 2007.

_____. Construções na história, construções em análise: presença de Freud na filosofia da história de Walter Benjamin. In: SAFATLE, V.; MANZI, R. (Org.). *A filosofia após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. O que está em jogo na 'elaboração do passado'? O teatro da memória após Auschwitz. In: PUCCL, B.; LASTÓRIA, L. A. C.; COSTA, B. C. G. (Org.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.

DAMIÃO, Carla. **Sobre o declínio da 'sinceridade'**. Filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Loyola, 2006.

DI MATTEO, Vincenzo. **Cogito hermenêutico e sujeito lacanian no ensaio sobre Freud, de P. Ricouer**. [Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001?]. Disponível em <www.ufpe.br/filosofia/arquivos>. Acesso em: 17 abr. 2009.

FREUD, S. **Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten**. In: **Zur Dynamik der Übertragung**. Behandlungstechnische Schriften. Frankfurt am Main: Fischer, 1992a.

_____. **Trauer und Melancholie**. In: **Das Ich und das Es**. Metapsychologische Schriften. Frankfurt am Main: Fischer, 1992b.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. 2008a. Trabalho inédito.

_____. **O trabalho de rememoração de Penélope**. 2008b. Trabalho inédito.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NIETZSCHE, F. **Segunda consideração intempestiva**. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **Kritischestudien Ausgabe**. Berlin: Walter de Gruyter Verlag, 1986.

RICOUER, P. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

TODOROV, T. **Memória do mal, tentação do bem**. Indagações sobre o século XX. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Editora ARX, 2002.

Recebido em: 10 de outubro de 2007.

Aprovado em: 19 de outubro de 2007.